

A detailed oil painting of a flock of sheep in a rural landscape. The sheep, in various shades of cream and yellow, are gathered in a grassy field with scattered trees and a hazy background. The style is characteristic of late 19th-century realism.

A DOCTRINA DA ELEIÇÃO

ARTHUR W. PINK (1886-1952)

A DOCTRINA DA ELEIÇÃO

Índice

1. O Mistério da Eleição	6
2. A Verdade da Eleição	8
3. A Justiça da Eleição	10
4. Os Corolários da Eleição	13
5. A Certeza da Eleição.....	15
6. As Dificuldades da Eleição	17

Traduzido do original em Inglês
The Doctrine of Election
By A. W. Pink

Via: ChapelLibrary.org • © Copyright 1998 Chapel Library

Tradução e Capa por William Teixeira
Revisão por Camila Almeida

1ª Edição: Dezembro de 2014

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

A DOCTRINA DA ELEIÇÃO

Como a doutrina da eleição é uma parte do alto tema da soberania de Deus, uma breve palavra sobre ela primeiro. Em Apocalipse 19:6 nos é dito, “o Senhor Deus onipotente reina”. No céu e na terra, Ele é o controlador e ordenador de todas as criaturas. Como o Altíssimo, Ele governa entre os exércitos dos céus e ninguém pode deter a mão ou dizer-lhe: “Que fazes?” (Jó 9:12). Ele é o todo-poderoso, que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua própria vontade. Ele é o Oleiro celestial, que toma conta de nossa humanidade caída como um pedaço de barro, e para fora dela forja um como vaso para honra e outro vaso para desonra. Em suma, Ele é o decisivo e determinante do destino de cada homem e o controlador de cada detalhe na vida de cada indivíduo, o que é apenas outra maneira de dizer que Deus é Deus.

Ora, eleição e predestinação são apenas o exercício da soberania de Deus nos assuntos da salvação, e tudo o que sabemos sobre elas é o que tem sido revelado a nós nas Escrituras da verdade. A única razão para que alguém acredite na eleição é que ela se acha claramente ensinada na Palavra de Deus. Nenhum homem ou grupo de homens nunca originou esta doutrina. Como o ensino da punição eterna, ela entra em conflito com os ditames da

mente carnal e é incompatível com os sentimentos do coração não regenerado. E, como a doutrina da Santíssima Trindade e do nascimento milagroso de nosso Salvador, a verdade da eleição deve ser recebida com fé simples, inquestionável.

Vamos agora definir os nossos termos. O que a palavra eleição significa? Significa desta-car, selecionar, escolher, tomar um e deixar o outro. Eleição significa que Deus escolheu alguns para serem os objetos de Sua graça salvadora, enquanto outros são deixados a sofrer a justa punição por seus pecados. Isso significa que, antes da fundação do mundo, Deus escolheu para fora da massa de nossa humanidade caída um determinado número, e os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho. “Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o Seu Nome” (Atos 15:14). Não podemos fazer melhor aqui do que amplificar a nossa definição de eleição, citando um sermão do falecido C. H. Spurgeon (1834-1892) em “As Coisas que Acom-panham a Salvação” [Sermão de N° 152]:

Antes da salvação vir a este mundo, a eleição marchou na vanguarda, e tinha por seu trabalho o aquartelamento da salvação. A eleição atravessou o mundo e marcou as casas para a salvação que deveria ir e os corações em que o tesouro deveria ser depositado. A eleição olhou através de toda a raça humana, desde Adão até o último, e assinalou com selo sagrado aqueles para quem a salvação foi designada. “E era-lhe necessário passar por Samaria” (João 4:4) disse a eleição; e a salvação deve ir para lá. Depois veio a predestinação. A predestinação não se

limitou a marcar a casa, mas mapeou a estrada pela qual a salvação deve viajar para aquela casa. A predestinação ordenou cada passo do grande exército de salvação; esta ordenou o momento em que o pecador deve ser levado a Cristo, a maneira como ele deve ser salvo, os meios que devem ser empregados; marcou a hora exata e o momento em que Deus, o Espírito, deverá vivificar os mortos em pecado, e quando a paz e o perdão devem ser proclamados através do sangue de Jesus. A predestinação marcou o caminho de forma tão completa que a salvação nunca ultrapassa os limites, e nunca erra o caminho. No decreto eterno de Deus soberano, os passos da misericórdia foram, cada um deles, ordenados.

Por que Deus escolheu esses indivíduos em particular, em vez de outros, nós não sabemos. Sua escolha é soberana, totalmente gratuita e não depende de nada fora de Si mesmo. Certamente não foi porque esses indivíduos particulares eram, em si, melhores do que os outros que Ele deixou. A Escritura é muito enfática sobre esse ponto: eles também “eram por natureza filhos da ira, como os outros também” (Efésios 2:3). Eles também não tinham justiça inerente. Nem Deus escolheu aqueles que Ele escolheu por causa de tudo o que Ele previu que haveria neles, pela simples razão, mas suficiente, que Ele não previu alguma coisa boa neles, senão o que Ele próprio operou neles. Tudo o que podemos dizer é que Deus escolheu alguns para serem salvos somente porque Ele escolheu elegê-los, pois tal era o beneplácito de Sua vontade soberana (Efésios 1:5).

1. O Mistério da Eleição

Essa eleição é um mistério profundo, nós prontamente admitimos; que está completamente além do poder da mente finita compreender plenamente, nós livremente reconhecemos. O nosso sentimento e nossa faculdade de raciocínio não podem nos ajudar nesta investigação. No entanto, isso não é motivo pelo qual devamos nos recusar a acreditar no que não podemos compreender plenamente. Estamos cercados de mistério por todos os lados. Não podemos entender por que Deus, que é perfeito e onisciente, que no início previu claramente todas as terríveis consequências disto, deveria mesmo ter permitido que o pecado entrasse neste mundo. Mas Ele o fez! Dizer, como muitos fazem, que se Deus criou o ho-mem como um agente moral livre, Ele não podia impedi-lo, é uma afirmação que é totalmente desprovida de qualquer fundamento na Palavra de Deus; e não somente isso, mas ela contradiz Suas declarações explícitas. Por exemplo: “Certamente a cólera do homem redundará em teu louvor; o restante da cólera tu o restringirás” (Salmo 76:10). Se Deus pode restaurar a justiça àqueles que são os dispostos escravos do pecado e há muito tempo indulgentes na comissão dele, sem interferir com a responsabilidade do homem, por que então Ele não poderia ter preservado os seres sem pecado, em um estado de pureza? E se estava em Seu poder fazê-lo, por que Ele não o fez? Tudo o que podemos dizer é: “Não sabemos”. Deus não achou por bem dizer-nos. A permissão Divina do pecado é um mistério profundo.

Tampouco este é o único mistério relacionado com a história da nossa raça. As desigualdades

gritantes no todo da existência humana são igualmente insolúveis. Um é cego de nas-cença, outro é abençoado com vista. Um entra no mundo dotado de uma constituição forte e goza de saúde quase ininterrupta, enquanto outro herda uma doença incurável e afunda em uma morte prematura. Um nasce para a riqueza e todos os seus confortos, outro para a pobreza e para suas consequentes misérias. Um é nascido de pais criminosos ou infiéis, enquanto a outro é filho de verdadeiros crentes e é criado no temor do Senhor. Um nasce em meio à escuridão pagã, outro goza dos privilégios da luz do Evangelho. Agora, essas diferenças não afetam apenas a felicidade nesta vida, mas elas estão entre os fatores determinantes de caráter e destino, e ainda assim elas não são de todo dependentes do caráter ou conduta dos interessados. Quando nós perguntamos: “Por que é permitido existir essas diferenças? Por que Deus permite essas desigualdades?” Novamente nós temos que res-ponder: “Não sabemos”. No entanto, acreditamos firmemente que Ele tem alguma razão boa e sábia para todos os Seus procedimentos providenciais, mas para o homem na sua condição presente, eles são profundamente misteriosos.

Que esses procedimentos de Deus são misteriosos, Sua própria Palavra afirma. “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” [Isaiás 55:8-9]. E mais uma vez o Espírito Santo, através do apóstolo Paulo, declara: “Ó profundidade das riquezas,

tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Romanos 11:33). A nossa posição verdadeira, então, na investigação de um assunto como este, é de discípulos — alunos — sentados aos pés do Senhor Jesus para que sejamos ensinados por Ele. Se aceitamos a Bíblia como a Palavra de Deus, devemos esperar encontrar nela algumas coisas “difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição” (2 Pedro 3:16).

2. A Verdade da Eleição

A doutrina da eleição é claramente ensinada na Palavra de Deus; de capa a capa, a Bíblia está cheia daquela. Esta é uma das grandes doutrinas fundamentais das Escrituras. O pri-meiro livro da Bíblia tem a soberania de Deus como o seu tema central. Caim, o mais velho é deixado, enquanto Abel, o mais novo é aceito. Cão e Jafé são ignorados, enquanto Sem o mais jovem é selecionado para a linhagem a partir da qual o Messias havia de vir. A Abrão, o menor, e não a Naor, o irmão mais velho, é dada a herança de Canaã. Ismael, o primogênito é expulso sem bênção, enquanto Isaque o filho da velhice de seus pais é abençoado. A Esaú, de coração generoso e tolerante de espírito é negada a bênção, ainda que a buscou diligentemente com lágrimas, enquanto que Jacó o traiçoeiro, maquinador dissimulado é formado um vaso de honra. Embora sendo o décimo primeiro filho, José é aquele que recebe a porção dobrada; quando Jacó, guiado por Deus, está abençoando os filhos de José, Efraim, o

mais novo é posto na frente de Manassés, o mais velho.

Os limites de nosso espaço não nos permite ir adiante por toda a Bíblia; só podemos agora citar alguns textos como prova, mas eles são suficientes. “Assim os derradeiros serão pri-meiros, e os primeiros derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 20:16). “Não me escolheste vós a mim, mas eu vos escolhi a vós” (João 15:16). “Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (João 17:9). “E creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna” (Atos 13:48). “Ficou um remanescente, segundo a eleição da graça” (Romanos 11:5). “Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele” (Efésios 1:4).

Durante os tempos do Antigo Testamento, o princípio da eleição Divina foi claramente ex-posto nos tratamentos de Deus com a raça humana. Na Torre de Babel, Deus, por um tem-po, abandonou o Seu trato direto com a humanidade como um todo, e seleccionou um ho-mem — Abraão — de quem descendeu a nação de Israel. Esta nação é o Seu povo esco-lhido. Ele se revelou a eles como a nenhum outro. Israel era o Seu tesouro peculiar. Eles gozaram de comunhão direta com Jeová, enquanto outras nações foram deixadas em seus pecados. Mas por quê? Por que Deus deveria escolher os descendentes de Abraão para serem os destinatários de Seus favores especiais? Eles tinham uma maior reivindicação natural do que os outros? Certamente que não. Os egípcios eram uma raça muito mais sábia do que os

hebreus nômades. Os caldeus eram mais antigos, mais numerosos, mais civilizados, e ainda exerceram uma influência muito maior sobre o resto do mundo. Ah! Mas Deus passa pela sábios e cultos e escolhe os fracos e desprezados. Por quê? Para demonstrar Sua soberania e exemplificar Sua graça. Por quê? “Para que nenhuma carne se glorie perante ele” (1 Coríntios 1:29).

3. A Justiça da Eleição

Em todas as épocas houve aqueles que argumentaram que a doutrina da eleição atribui injustiça a Deus. Eles dizem que não é justo que Ele deve escolher certas pessoas para a vida eterna e permitir que o restante seja eternamente condenado. Mas tal acusação evidencia ignorância crassa e perverte os princípios fundamentais do Evangelho. A salvação não é uma questão de justiça, mas de graça. Se o assunto deve ser resolvido na base de mera justiça, então, cada filho de Adão deve perecer, pois: “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23).

Dizer que Deus não tem o direito de escolher apenas alguns para serem conformes à imagem de Seu Filho, é para repúdio cardial da verdade do Evangelho. A salvação não é um salário que temos que ganhar, nem uma recompensa que devemos merecer. É um dom gratuito concedido a quem não merece. Mas, a partir do momento em que admitimos que a salvação é um dom de Deus, somos logicamente obrigados a aceitar o princípio da eleição. Não tem Deus todo o direito de dispensar o Seu dom como lhe agrada? Certamente Ele tem. E esta não é somente

Sua prerrogativa, mas Ele a exerce: “Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver miseri-córdia” (Romanos 9:15). Deus não está em dívida com ninguém. Ele não está sob a obri-gação de salvar ninguém. Se Ele livra alguém da ira vindoura é unicamente devido à Sua graça. Ele não está sob nenhuma restrição para salvar a todos, se Ele quiser salvar quem quer que seja. Se Ele escolhe passar por alguns, retendo o dom da salvação, então não há motivo para reclamação. No último grande Dia cada homem receberá toda a misericórdia a que tem direito. Não deverá o Juiz de toda a terra fazer justiça? Certamente. A sentença pronunciada sobre aqueles que estiverem à sua esquerda será perfeitamente justa.

Quanto a esta prerrogativa [Sua soberania] pode-se dizer, primeiro, que a Deus per-tence o direito de exercê-la. Este direito nasce, em primeiro lugar, de ser Ele o Criador. Ele diz, “todas as almas são minhas” (Ezequiel 18:4). Ele tem o direito absoluto de fazer conosco o que Lhe agrada, visto que “foi ele que nos fez, e não nós a nós mes-mos” (Salmo 100:3). Os homens esquecem o que são, e se vangloriam de grandes coisas; embora realmente nada sejam, senão barro na roda do oleiro, e Ele pode formá-los ou quebrá-los como lhe agrada. Eles não pensam assim, mas Ele conhece seus pensamentos que são vãos. Ó, a dignidade do homem! Que tema para um discurso sarcástico! Como o sapo da fábula que se inchou até que explodiu, assim o faz o homem em seu orgulho e inveja contra o seu Criador, que, não obstante, está assentado sobre o círculo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos, e atenta para nações

inteiras delas como o pó da balança. A prerrogativa do Senhor sobre a criação é manifestamente ampliada moralmente pela nossa perda de qual-quer consideração que possa ter surgido por obediência e retidão se os tivéssemos possuído. Nossa culpa envolveu perda de reivindicações por parte da criatura, qual-quer que elas pudessem ter sido. Somos todos culpados de alta traição, e cada um de nós é culpado de rebelião pessoal; portanto, não temos os direitos dos cidadãos, mas jazemos sob sentença de condenação. O que diz a voz infalível de Deus? “Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (Gálatas 3:10). Viemos sob essa maldição; a justiça pronunciou-nos culpados, e, por natureza, nós permanecemos em condenação. Se, então, o Senhor terá o prazer de nos livrar da morte, isto permanece com Ele para fazê-lo; mas não temos direito a tal libertação, nem podemos usar qualquer argumento que seria proveitoso nos tribunais de justiça para a reversão da pena ou suspensão da execução. Antes, no tribunal de justiça deve ser difícil estabelecer o nosso caso sob qual-quer alegação de direito. Seremos expulsos com o desdém do juiz imparcial, se nós pleitearmos o nosso processo sobre essa linha. Nosso procedimento mais sábio é apelar para a Sua misericórdia e Sua graça soberana, pois somente isto é a nossa esperança. Compreenda-me claramente: Se o Senhor fizer com que padeçamos a perecer, nós apenas receberemos o que merecemos, e nós não temos, nenhum de nós, sequer uma sombra de reivindicação em Sua misericórdia; nós estamos, portanto, absolutamente nas mãos de Deus, e a Ele pertencem as questões da morte (C.H. Spurgeon, A

Prerrogativa Real — Salmo 68:20-21 [Sermão de N° 1523]).

Finalmente, convém lembrar que Deus nunca recusa misericórdia para com aqueles que honestamente a procuram. É verdade que os não-eleitos serão perdidos, deixe-os fazer o que quiserem. O pecador é ordenado: “Provai e vede que o Senhor é bom” (Salmo 34:8). Ele é livremente convocado a ser um convidado na festa Evangelho. A promessa é ampla e simples: “o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37). Mas se o pecador não vier a Cristo para que ele possa ter vida, então seu sangue será sobre a sua cabeça. Se ele não vai crer, então é a sua própria vontade que o condena.

4. Os Corolários da Eleição

A doutrina da eleição magnifica o caráter de Deus. Ela exemplifica a Sua graça. A eleição torna conhecido o fato de que a salvação é dom gratuito de Deus, livremente concedida a quem Ele quer. Isso deve ser assim, pois aqueles que a recebem, eles próprios, não são diferentes e nem melhores do que aqueles que não recebem. A eleição permite alguém ir para o inferno para mostrar que todos mereciam morrer. Mas a graça vem como um arras-tão e atrai da humanidade arruinada uma grande multidão, que nenhum homem pode con-tar, para ser por toda a eternidade os monumentos da misericórdia soberana de Deus.

Ela exhibe Sua onipotência. A eleição torna conhecido o fato de que Deus é todo-poderoso, governando e reinando sobre a terra; e declara que ninguém pode resistir com êxito à Sua vontade ou

frustrar Seus propósitos secretos. A eleição revela Deus quebrando a oposição do coração humano, subjugando a inimizade da mente carnal, e com o poder irresistível atraindo Seus escolhidos para Cristo. A eleição confessa: “Nós o amamos a ele porque ele nos amou primeiro” (1João 4:19), e nós acreditamos, porque Ele nos fez dispostos no dia do Seu poder (Salmo 110:3).

Ela atribui toda a glória a Deus. Ela não permite qualquer crédito para a criatura. Ela nega que os não regenerados são capazes de derivar um pensamento reto, gerar uma afeição correta, ou originar uma volição correta. Ela insiste em que Deus deve operar em nós tanto o querer como o efetuar. Ela declara que o arrependimento e a fé são, eles próprios, dons de Deus, e não algo que o pecador contribui para o preço da sua salvação. Sua linguagem é: “Não a nós, Senhor, não a nós” (Salmo 115:1), mas, “Àquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1:5).

“O Senhor faz distinções entre os homens culpados de acordo com a soberania de Sua graça. “Porque eu não tornarei mais a compadecer-me da casa de Israel, mas tu-do lhe tirarei” (Oséias 1:6). Não tinha Judá pecado também? Não poderia o Senhor ter desistido de Judá também!? Na verdade, Ele poderia justamente tê-lo feito, mas Ele se deleita na benignidade. Muitos pecaram, e justamente trouxeram sobre si mes-mos o castigo devido ao pecado: eles não creem em Cristo, e morrem em seus pecados. Mas Deus tem misericórdia, de acordo com a grandeza do Seu coração, sobre multidões que não poderiam ser salvas em qualquer outro fundamento

senão o da misericórdia imerecida. Vindicando Seu direito real, Ele diz: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Romanos 9:15). A prerrogativa de misericórdia é exercida pela soberania de Deus: Ele exerce esta prerrogativa. Ele concede a quem Ele quiser, e Ele tem o direito de fazê-lo, já que ninguém tem qualquer direito sobre Ele (C. H. Spurgeon, Salvação, A Propriedade do Senhor — Oséias 1:7).

Finalmente, a doutrina garante preservação eterna de todos os santos de Deus. Nas Sagradas Escrituras, a questão da nossa salvação é traçada antes (no propósito de Deus) e não ao momento em que cremos, isto é, quando ela se torna nossa experimentalmente, mas em um ponto anterior ao começo do tempo. Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu em Cristo (Efésios 1:4). “Com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí” (Jeremias 31:3). Isso levanta a questão de nossa salvação do tempo para a eternidade. Se fosse apenas uma coisa de tempo, ela pereceria. Mas, porque é uma coisa da eternidade, deve durar para sempre. É impossível imaginar uma vara com apenas uma extremidade nela; o que é eterno deve ser assim em ambas as extremidades. Assim, a Palavra de Deus afirma que “aos que destinou [na eternidade passada], a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou [na eternidade futura]” (Romanos 8:30).

5. A Certeza da Eleição

Antes de abordar o que é o lado mais experimental do nosso assunto, vamos rever o funda-

mento que já foi abordado. Vimos que a doutrina da eleição é uma das coisas mais profundas de Deus e deve ser recebida com fé simples, inquestionável; que, como o assunto da Santíssima Trindade é um mistério profundo que transcende a compreensão da mente finita. Então, temos procurado mostrar por uma livre citação das Escrituras que a verdade da eleição é claramente ensinada na Palavra de Deus; mais ainda, que é uma das verdades mais importantes da revelação Divina. Além disso, vimos que o princípio da eleição atravessa todas as relações de Deus com o Seu povo; que, tanto na época do Antigo e Novo Testamento, Deus passa por alguns e chama outros. Em seguida, consideramos brevemente a justiça da eleição, e descobrimos que em abençoar alguns, Deus não mostrou nenhuma injustiça para com os outros, porque ninguém tem qualquer direito sobre Ele. E que, como a salvação é o Seu dom gratuito, ele dispensa Seus favores de acordo com Sua própria boa vontade. Finalmente, observamos os corolários desta doutrina e mostramos como ela atribui toda a glória a Deus, e garante da forma mais enfática a segurança eterna de todos os que foram escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo.

E agora, com uma humilde vontade de buscar remover algumas das dificuldades que naturalmente surgem a partir de uma reflexão sobre este assunto, vamos observar algumas das perguntas que normalmente ocorrem a todas as mentes que refletem quando esta doutrina é trazida perante eles, pela primeira vez.

6. As Dificuldades da Eleição

a. As Escrituras não declaram que Deus não faz acepção de pessoas?

Sim, é verdade (Atos 10:34), e a eleição é a prova disto. Os sete filhos de Jessé, embora mais velhos e fisicamente superiores a Davi, são deixados por ela, enquanto o jovem pastor é exaltado ao trono de Israel. Os escribas e doutores são ignorados, e pescadores igno-rantes são escolhidos para serem os apóstolos do Cordeiro. A verdade Divina é oculta dos “sábios e entendidos”, mas é revelada aos “pequeninos” (Mateus 11:25). A maioria dos poderosos e nobres são ignorados, enquanto os fracos e desprezados são chamados e salvos. Prostitutas e publicanos são docemente compelidos a vir para a festa de casamento, enquanto os fariseus orgulhosos são deixados a perecer em sua própria autojustiça. Verdadeiramente, Deus não faz acepção de pessoas, ou Ele não teria salvado você, meu amigo.

b. Mas o homem não é um ser responsável, dotado de livre-arbítrio?

O homem é, sem dúvida, um ser responsável. Ele não é uma mera máquina ou autômato. A Escritura uniformemente se refere a ele como quem colhe de acordo com o que semeia, e como alguém que ainda terá de prestar contas pelas coisas feitas no corpo. Mas em nenhum lugar a Bíblia prega o livre-arbítrio do homem natural. O homem por natureza é sujeito a Satanás e escravo do pecado, e não se torna livre até que o Filho de Deus o liberte (João 8:36). “Ninguém pode vir a mim, [mas ele poderia, se ele fosse livre], se

o Pai que me enviou não o trouxe” (João 6:44), mas não haveria necessidade de “trazer” se ele fosse livre. Isto é inequívoco.

Quando a misericórdia vem para abençoar, ela encontra-nos inclinados à maldição. Nós não receberíamos o benefício proferido; rejeitamos a misericórdia e a graça deve superar a nossa vontade. Deve levar-nos cativos em laços de seda, ou do mesmo modo não pode nos abençoar. O homem, enquanto sua vontade é livre, é desgraçado; é somente quando a sua vontade é presa pelos grilhões da graça soberana, que ele é gracioso em absoluto. Se há uma coisa como livre-arbítrio, Lutero realmente o definiu quando chamou o livre-arbítrio de escravo. É apenas a nossa vontade presa que é verdadeiramente livre. Nossa vontade constrangida, então alcança a liberdade; quando a graça liga-a, então, verdadeiramente, é livre, e somente então, quando o Filho a tornou livre (C. H. Spurgeon, A Glória da Graça - Efésios 1:6 [Sermão de N° 2763]).

c. Mas a Escritura não diz: Todo aquele que quiser, pode vir?

Ele diz, e Cristo ainda não rejeitou nenhuma alma disposta. Se, na undécima hora, ao ladrão moribundo que se converteu ao Senhor foi assegurado um lugar no paraíso, e se Saulo, o perseguidor da Igreja — “o principal dos pecadores” (1 Timóteo 1:15) — encontrou misericórdia, em verdade, todo aquele que quiser, pode vir (Atos 2:21; Apocalipse 22:17). Mas nem todos estão dispostos. A grande maioria das pessoas não tem o desejo de vir a Cristo. Se Deus deixasse isto inteiramente à vontade

do homem, ninguém jamais O teria aceitado. Consequentemente, Deus tem que operar em nós “tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13). Mas Deus não opera assim em todos, e isto é feito na eleição.

d. Mas por que pregar o Evangelho a toda a criatura, se apenas uns “poucos” são escolhidos?

Porque o sacrifício expiatório de Cristo seria suficiente para todos, se todos o aceitassem. Porque Deus quis anunciar a mui grande e incomparável graça e amor insondável do Seu Filho amado. Porque o sacrifício de Cristo é eminentemente adaptado a todos, o que serve para um pecador deve atender às necessidades de outro. Porque é pela pregação do Evangelho que os eleitos são chamados para fora do mundo. Finalmente, porque somos ordenados a pregar o Evangelho a todas as nações, e “não é para que nós entendamos o porquê; não é para que repliquemos; isto é para nós fazermos — e morrermos.”

e. Mas esta doutrina não cortará o nervo do esforço evangelístico?

Mais uma vez vamos deixar que o Sr. Spurgeon dê a resposta.

“Bem, então”, diz alguém, “isso vai fazer as pessoas sentarem e cruzarem os braços”. Senhor, não vai! Mas se os homens o fizerem, eu não poderei ajudá-los — meu negócio — como eu já disse muitas vezes neste lugar, não é provar a você a razoabilidade de qualquer verdade, nem defender qualquer verdade das suas consequências. Tudo o que faço aqui — e eu

quero dizer para sustentá-lo — é apenas afirmar a verdade porque está na Bíblia! Então, se você não gosta, você deve resolver a disputa com meu Mestre, e se você acha que não é razoável, você deve discutir com a Bíblia. Per-mita que os outros defendam a Escritura e provem que é verdade. Eles podem fazer o seu trabalho melhor do que eu; o meu é apenas a simples obra de proclamar. Eu sou o mensageiro. Falo a mensagem do meu Mestre. Se você não gosta da mensa-gem, discuta com a Bíblia, não comigo! Enquanto eu tenho a Escritura do meu lado, eu vou ousar e desafiar você a fazer qualquer coisa contra mim! “Ao SENHOR pertence a salvação!”. O Senhor tem que aplicá-la, para fazer o relutante, disposto; fazer o ímpio, piedoso; e trazer o desprezível rebelde aos pés de Jesus; caso contrário a salvação nunca será cumprida! Deixe esta coisa desfeita e você terá quebrado o elo da cadeia, a própria ligação que era necessária para a sua integridade. Tire o fato de que Deus começa a boa obra e que Ele nos envia o que os antigos teólogos chamam de graça preservadora, tire isso e você terá estragado toda a salvação; você tomou a pedra angular para fora do arco e abaixo ele cai!”. (C. H. Spurgeon, A Salvação Pertence ao Senhor — Jonas 2:9 [Publicamos este sermão em português, baixe-a gratuitamente em nosso site]).

7. Os Sinais da Eleição

Como os crentes podem saber que estão entre o número de eleitos de Deus? É verdade que eles não têm acesso ao Seu livro da vida; que eles não podem ler Seus decretos secre-tos; eles são ignorantes de Seus eternos conselhos. No entanto, é possível que os

santos saibam que estão entre aqueles que Deus predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho. Há pelo menos cinco maneiras pelas quais Deus dá testemunho de que Ele nos escolheu desde toda a eternidade.

a. Ao chamar-nos para Ele mesmo

“Aos que predestinou, a esses também chamou” (Romanos 8:30). A predestinação aconteceu na eternidade; o chamado acontece no tempo. Este chamado é aos eleitos, com força irresistível: eles O ouvem e não pode deixar de responder. “As ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora” (João 10:3). Temos uma ilustração disto, no caso de Zaqueu. “Zaqueu, desce depressa... E, apressando-se, desceu, e recebeu-o alegremente” (Lucas 19:5-6). A ovelha foi chamada pelo nome e respondeu à voz do Pastor! “E as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (João 10:4). Nós temos uma outra bela ilustração disto registrada em João 20:16: “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Rabôni” Anteriormente ela não O conheceu; ela O confundiu com o jardineiro; mas o Bom Pastor chama as Suas ovelhas pelo nome, “Maria” e instantaneamente ela reconheceu Sua voz! Aqui, então, está o primeiro sinal de eleição, como ilustram os casos acima. O Pastor chama, e aqueles que são Suas ovelhas (os eleitos) ouvem, reconhecem e respondem.

b. Ao recriá-los em Cristo

Ou, por outras palavras, tornando-os Seus filhos. Nem todos são filhos de Deus. Pelo contrário, todos são por natureza “filhos da ira” (Efésios 2:3), e

somente pela graça soberana nos tornamos filhos de Deus. Todos são Suas criaturas, mas nem todos são Seus filhos. A regeneração é a consequência da eleição. “Segundo a sua vontade, Ele nos gerou” (Tiago 1:18). “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:13). Eu já nasci de novo? Eu fui feito uma nova criatura em Cristo? Há evidências inequívocas em minha vida que eu tenho sido feito um participante da natureza Divina? Então esta é uma das marcas da minha eleição.

c. Ao nos conformarmos à Sua vontade

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Romanos 8:7). A vontade não-regenerada é totalmente con-trária a tudo o que verdadeiramente santo. Mas é diferente com aqueles a quem Deus chama e vivifica. Ele renova as suas vontades. Ele opera neles tanto o querer quanto o realizar, segundo a Sua boa vontade. O que diferencia um filho do diabo de um filho de Deus é que o primeiro é governado por sua própria vontade, ao passo que a vontade deste último está sujeita a Deus. A linguagem do santo é: “Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos Seus olhos” (1 Samuel 3:18). Se, então, a sua vontade está quebrada, se você está dizendo com o coração: “todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42), então esta é uma das marcas e sinais de sua eleição.

d. Ao comunicar o Seu amor aos seus corações

Os ímpios não têm amor a Deus, nenhuma capacidade de apreciar Suas perfeições, nenhuma preocupação com a Sua glória. Eles não veem nEle nenhuma beleza para que O desejem, sim, Ele é desprezado e rejeitado por eles (Isaías 53:2-3). Mas o Espírito Santo derrama o amor de Deus nos corações daqueles que creem (Romanos 5:5). Para eles, Deus é mui excelente, eles dizem: “Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti” (Salmo 73:25). Para eles, Cristo é o mais formoso entre dez mil, o “totalmente desejável” (Cânticos 5:16). Se, então, o amor de Deus brilha em seu coração, esta é uma das marcas e evidências de sua eleição.

e. Por cultivar neles o fruto do Espírito

Na parábola do semeador, existem quatro tipos de solo em que a semente cai, mas apenas um tem algum fruto. Os três primeiros representam várias classes de incrédulos que ouvem a Palavra de Deus, e uma coisa é comum a eles, todos eles são estéreis. Mas a quarta classe, o solo dos bons ouvintes, produz fruto em graus variados. Aqui, então, está mais um sinal infalível, outra característica peculiar dos crentes: eles dão fruto. O que é o fruto, aprendemos em Gálatas 5:22-23. Tenho o “amor”, o amor a Deus, por Sua Palavra, pelo Seu povo? Tenho “alegria”, aquela profunda, permanente, maravilhosa alegria, sobre a qual o mundo nada sabe? Eu tenho “paz”, paz de consciência que vem do conhecimento dos pecados perdoados? Eu tenho “longanimidade”, para “tudo suportar por amor dos eleitos” (2 Timóteo 2:10)? Eu

sou “benigno”, de modo que, à semelhança de uma verdadeira ovelha, eu nunca me mostro contencioso? Tenho “bondade”, de modo que aqueles que me rodeiam tomam conhecimento que tenho estado com Jesus? Tenho “fé”, de modo que eu descanso com inabalável confiança nas promessas de Deus? Tenho “mansidão”, de forma que eu considero os outros superiores a mim mesmo? Tenho “temperança”, de modo que minha moderação é notória a todos os homens (Filipenses 4:5)? Então este é o fruto do Espírito. Por esses e outros sinais semelhantes, Deus nos indica nossa eleição eterna.

8. Os Frutos da Eleição

Não somente Deus nos concede estes sinais infalíveis pelos quais podemos descobrir Sua escolha, mas os eleitos fazem firme a sua própria eleição para si mesmos. “Portanto, ir-mãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” (2 Pedro 1:10). Na mente de Deus, a minha vocação e eleição está “firme” antes da fundação do mundo; mas quanto à minha própria consciência e garantia delas estão em causa; eu devo ser diligente para torná-las firmes para mim. Como os eleitos fazem isso?

a. Ao abandonarem-se a Cristo

“Todo o que o Pai me dá virá a mim” (João 6:37). Quando perdemos toda a confiança na carne; quando chegamos inteiramente ao fim de nós mesmos; quando percebemos que na carne não habita coisa boa; quando nos tornamos conscientes de que todas as nossas jus-tiças como trapo da imundícia; quando estamos preparados para clamar: “Senhor, salva-me!

que pereço” (ver Mateus 8:25); quando fugimos para Cristo como o único refúgio da ira vindoura, então daremos o primeiro passo para fazer firme a nossa vocação e eleição.

b. Por uma caminhada em obediência

Pedro se dirige aos “estrangeiros” como “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência” (1 Pedro 1:2). Se estamos caminhando contrário aos preceitos de Deus, então nós não temos nenhuma razão para nos considerar como estando entre os eleitos de Deus. O bom Pastor guia as Suas ovelhas nas “veredas da justiça” (Salmo 23:03), e se nos encontramos no “caminho dos pecadores” (Salmo 1:1), então não temos autorização para chamar-nos de Suas ovelhas. Mas, se estamos orando por isso e lutando diariamente por uma obediência mais perfeita do que aquela que nós ainda redemos, então nós estamos fazendo firme a nossa vocação e eleição. “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes ordenado que andás-semos nelas” (Efésios 2:10).

c. Por uma santificação progressiva

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Se estamos crescendo na graça e no conhecimento do Senhor (2Pe 3:18); se estamos esquecendo-nos das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante (Filipenses 3:13); se estamos limpando-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, e estamos aperfeiçoando a santificação no temor de Deus (2 Coríntios 7:1), então estamos fazendo a nossa própria

“vocação e eleição”. “Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos” (Efésios 1:4).

d. Por uma perseverança continua na fé

Nisto os falsos professos são distinguidos dos eleitos de Deus. Há aqueles que ouvem a Palavra e logo a recebem com alegria, mas não têm raiz em si mesmo, antes são de pouca duração (Mateus 13:20-21). Mas os eleitos de Deus perseveram até o fim. Eles “prosse-guem em conhecer ao Senhor” (Oséias 6:3). Eles podem, por vezes, estar abatidos em si mesmos; eles às vezes podem ser apanhados em falta; eles têm que confessar que eles são “servos inúteis” (Lucas 17:10), mas, ao final, cada um deles, em alguma medida, será capaz de dizer: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo 4:7). Ao perseverar até o fim, nós fazemos firme a nossa vocação e eleição para nós mesmos. “Aos que predestinou... a esses também glorificou” (Romanos 8:30).

Irmãos, se estamos entre os escolhidos de Deus, mostremos por nossa caminhada diária que somos de fato os mais escolhidos dentre os homens. “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoados uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (colossenses 3:12-13). ✨